



*Artigo*

## **Uma análise psicopolítica do fascismo brasileiro**

*A psychopolitical analysis of Brazilian fascismo*

*Un análisis psicopolítico del fascismo brasileño*

*Une analyse psychopolitique du fascisme brésilien*

Vinícius Furlan<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, Brasil, mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil, doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo SP, Brasil. Atualmente é professor no curso de Psicologia da Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, Brasil.

**Resumo** O fascismo existe como um espectro da democracia. O fascismo Alemão levou a morte de centena de milhares de pessoas. Os campos de concentração nazistas, não são acaso do destino, são a máxima do capitalismo. O capitalismo em sua máxima produz campos de concentração e se subscreve por uma política de morte. Na sua máxima fascista o capitalismo cria um estado de exceção absoluto e torna autorizado o assassinio de populações inteiras. O fascismo é uma subjetividade, o fascismo está no ar. O Brasil hoje se tornou um país fascista. A adesão ao fascismo ocorre, como analisou Reich, porque a situação econômica e a situação ideológica das massas não coincidem necessariamente. A política, assim, não se trata de uma questão de argumentação racional, mas de um circuito de afetos. A questão é saber que tipo de afeto move e cria formas de vida política, pois o embate é sobre formas de vida, como mostra Agamben. A situação que vivemos é de crise econômica e política, e estas condições tendem a produzir uma situação de desamparo, a qual leva as populações a ficarem a mercê da promessa messiânica. Assim o discurso fascista foi (e ainda o é) um apelo ao inconsciente por meio de técnicas capazes de promover tanto a idealização dos seus líderes como a suspeita paranóica sobre os outros grupos por parte dos destinatários. Alguns elementos caracterizam a ascensão fascista: o rosto utilizado para representar o líder precisa parecer cômico, uma mistura de militar com palhaço; o culto da violência;; um discurso político-econômico, da ressurreição Estado-Nação, na sua versão paranóica; e o discurso moral-cultural, dos valores da instituição familiar. A não-elaboração dos traumas do passado do Brasil trouxe à tona seus monstros adormecidos, como retorno do recalado, e instaurou o fascismo, ficado à sombra por anos, à vida cotidiana.

**Palavras-Chave:**Fascismo; Psicologia Política; Psicologia Social; Política; Democracia.

**Abstract** Fascism exists as a specter of democracy. German fascism led to the death of hundreds of thousands of people. Nazi concentration camps are not a fluke of fate, they are the maximum of capitalism. Capitalism at its maximum produces concentration camps and is underwritten by a death policy. In its fascist maximum, capitalism creates a state of absolute exception and makes the murder of entire populations authorized. Fascism is subjectivity, fascism is in the air. Brazil today has become a fascist country. Adherence to fascism occurs, as Reich analyzed, because the economic situation and the ideological situation of the masses do not necessarily coincide. Politics, therefore, is not a matter of rational argumentation, but a circuit of affections. The question is to know what kind of affection moves and creates forms of political life, since the struggle is about forms of life, as shown by Agamben. The situation we are experiencing is one of economic and political crisis, and these conditions tend to produce a situation of helplessness, which leads people to beat the mercy of the messianic promise. Thus, fascist discourse was (and still is) an appeal to the unconscious through techniques capable of promoting both the idealization of its leaders and the paranoid suspicion about other groups by the recipients. Some elements characterize the fascist rise: the face used to represent the leader must appear comical, a mixture of military and clown; the cult of violence; a political-economic discourse, of the resurrection State-Nation, in its paranoid version; and the moral-cultural discourse, of the values of the family institution. The non-elaboration of the traumas of Brazil's past brought its sleeping monster to the surface, as a return of the repressed, and established fascism, which had been in the shade for years, in everyday life.

**Keywords:** Fascism; Political Psychology; Social Psychology; Policy; Democracy.

**Resumen** La población LGBTQI+ vivencia, a lo largo de la historia, inúmeros estigmas sociales construidos entorno de sus orientaciones sexuales/identidades de género. Brasil despunta como uno de los países más peligrosos para

sujetos/as cuyas sexualidades e identidades de género distan de las consideradas hegemónicas. En esa coyuntura, el objetivo de este artículo es analizar los índices de violencia letal contra hombres gays en Brasil y en el estado de Ceará, de los años 2013 a 2017. Partiendo de un abordaje cualitativo/cuantitativo y una metodología exploratoria, se utilizó la revisión narrativa de obras correlacionadas y una investigación documental teniendo como fuente los informes anuales del Grupo Gay de Bahia. Se observó que el número de homicidios de hombres gays aumentó en los últimos años en Brasil y en Ceará, habiendo mayor índice de *mortis causa* por el uso de armas de fuego, victimando, en su mayoría, jóvenes y adultos, proletarios, blancos y pardos. Se concluye la urgencia de políticas públicas de seguridad más eficaces para la población LGBTQI+.

**Palabras Clave:** Fascismo; Psicología Política; Psicología Social; Política; Democracia.

## Resumé

Le fascisme existe comme un spectre de la démocratie. Le fascisme allemand a entraîné la mort de centaines de milliers de personnes. Les camps de concentration nazis ne sont pas un hasard du destin, ils sont la maxime du capitalisme. Le capitalisme à son maximum produit des camps de concentration et est garanti par une politique de la mort. Dans sa maxime fasciste, le capitalisme crée un état d'exception absolue et autorise le meurtre de populations entières. Le fascisme est subjectivité, le fascisme est dans l'air. Le Brésil est aujourd'hui devenu un pays fasciste. L'adhésion au fascisme se produit, comme Reich l'a analysé, parce que la situation économique et la situation idéologique des masses ne coïncident pas nécessairement. La politique n'est donc pas une question d'argumentation rationnelle, mais un circuit d'affections. La question est de savoir quel type d'affection émeut et crée des formes de vie politique, puisque la lutte porte sur les formes de vie, comme le montre Agamben. La situation que nous vivons est une situation de crise économique et politique, et ces conditions tendent à produire une situation d'impuissance, qui conduit les gens à être à la merci de la

promesse messianique. Ainsi, le discours fasciste était (et est toujours) un appel à l'inconscient à travers des techniques capables de favoriser à la fois l'idéalisation de ses dirigeants et la suspicion paranoïaque sur les autres groupes par les destinataires. Certains éléments caractérisent la montée fasciste: le visage utilisé pour représenter le chef doit paraître comique, mélange de militaire et de clown; le culte de la violence; un discours politico-économique, de la résurrection État-Nation, dans une version paranoïaque; et le discours moral-culturel, des valeurs de l'institution familiale. La non-élaboration des traumatismes du passé du Brésil a fait remonter ses monstres endormis à la surface, comme un retour du fascisme refoulé et établi, qui était dans l'ombre depuis des années, dans la vie de tous les jours.

**Mots clés:** Fascisme; Psychologie Politique; Psychologie Sociale; Politique; Démocratie.

## Notas Introdutórias

---

Este texto foi escrito para a apresentação de uma conferência para o II Colóquio de Psicanálise da cidade de Leme, no ano de 2018, que tinha por tema refletir acerca do retorno da ascensão ao fascismo no Brasil e suas implicações ao cenário da política.

A proposta foi problematizar acerca do fascismo como subjetividade, recuperando autores como Sigmund Freud, Wilhelm Reich, Michel Foucault, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Hannah Arendt, Giorgio Agamben, Giles Deleuze, Vladimir Safatle, dentre outros. O título da conferência ficou: “O fascismo está no ar”. Que segue como subtítulo deste texto da análise produzida naquele momento. Tal análise se dispôs a cotejar a ascensão do fascismo no Brasil nos últimos anos com o fascismo Alemão fazendo um recorte do momento das eleições de 2018 no Brasil com as eleições que levaram Hitler ao poder na Alemanha. Importante destacar que a apresentação ocorreu uma semana antes das eleições, em que buscamos apontar, como fez Reich (1987) em *Psicologia de Massas do Fascismo*, os elementos subjetivos na relação com as condições objetivas de adesão ao fascismo, a partir da leitura da subjetividade histórica – objeto da Psicologia Política. Elementos estes que estavam colocados no cenário da nova adesão ao fascismo no Brasil.

O cenário era de crise econômica e alta de desemprego. Crise econômica e desemprego deixam o povo em situação de desamparo. Um povo desamparado fica à espera da promessa messiânica – o Messias virá salvar o seu povo e a nação.

Uma nação, portanto, em crise, desemprego e escândalos de corrupção, aguardava pelo salvador da pátria. E tão rapidamente procuraram os culpados pela situação calamitosa: os comunistas.

Eis, então, que surgiu a solução messiânica. Um candidato, militar, com promessa de acabar com a corrupção e com os comunistas, que dizia defender a família, ter a nação acima de tudo e Deus acima de todos.

A ideia de tornar o país “grande de novo” seduziu o povo. A promessa de armar o “cidadão de bem” teve adesão espontânea. A par fizeram dos comunistas os inimigos da nação; e dos gays fizeram inimigos da família, da moral e dos bons costumes. A estes grupos passaram a odiar e tornaram-nos inimigos.

O suposto salvador da pátria prometia eliminar estes grupos e acabar com seu suposto mal, que teria levado a nação a se derrocar. Embora pouco acreditado, sua adesão pelo povo surpreendeu. Houve um atentado, o que levou aqueles que ainda tinham dúvidas a aderirem ao suposto Messias.

Até empresários passaram a chantagear seus funcionários, dizendo que caso este candidato não ganhasse as eleições todos seriam demitidos. E num piscar de olhos a maioria se via tomada pela promessa do suposto Messias. E se tornaram uma nação onde o ódio passou a orientar as ações acima de tudo – ódio dirigido principalmente aos tornados inimigos. Este era o cenário da ascensão da Alemanha nazista e o tal candidato citado refere a Adolf Hitler. Tal cenário é demasiado similar ao cenário do Brasil que levou a adesão ao suposto Jair *Messias*.

## O Fascismo Está no Ar

---

“Só a humanidade redimida cabe o passado em sua inteireza” (Walter Benjamin, 1987, p. 223).

O fascismo é um fenômeno produzido no capitalismo e existe como espectro da democracia. O capitalismo produz fascistas em potencial. Tivemos várias expressões do fascismo ao longo da história, inclusive no Brasil tivemos várias. Os mais conhecidos são os fascismos da Itália e da Alemanha.

O fascismo Alemão levou aos campos de concentração, levou a Auschwitz. Auschwitz, os campos de concentração nazistas, não é acaso do destino, são a máxima do capitalismo, destaca Theodor Adorno (2015); o capitalismo mata e sobrevive do derramamento do sangue de inocentes; para podermos estar vivos, por exemplo, para podermos ter nossa comida em cima da mesa todos os dias, há pessoas derramando sangue e vida inocente sendo assassinada a todo instante. O capitalismo mata. E quando chega à sua máxima, ele constrói campos de concentração, e mata às claras, e extermina populações. Na sua máxima fascista o capitalismo cria um estado de exceção absoluto e torna autorizado o assassinio de populações inteiras. O fascismo Alemão levou a morte de centena de milhares de pessoas, das quais, judeus, comunistas, homossexuais, negros, pobres, dentre outros.

O fascismo, por outro lado, não é apenas um sistema de governo, ele é antes de tudo uma subjetividade. Não se trata também de uma única pessoa que está no poder, como o Hitler, por exemplo. O fascismo é uma subjetividade. O fascismo está no ar. Como disse Foucault (1972), o fascismo está dentro de cada um de nós, está em nossas cabeças, está em nosso comportamento de todos os dias. O fascismo nos faz amar o poder e desejar verdadeiramente aquele que nos oprime e nos explora.

Como escreveu Deleuze (1972), o fascismo não é apenas algo que acontece dentro dos governos, ele é um fascínio e um amor pelo poder. As pessoas anseiam serem guiadas, protegidas, são levadas por seu desejo inconsciente de submeterem-se a força; o tirano sacia a necessidade de um pai provedor e de uma mãe carinhosa. Existe um desejo por uma existência livre de problemas, uma vida protegida e abrigada sem conflitos, perigo ou luta. Tudo que se tem a fazer é desistir da própria liberdade em conformidade com os costumes sociais e ideais ditados por um líder autoritário.

Perguntavam-se na Alemanha: estamos entre a escolha da civilização e da barbárie. Porque as pessoas têm escolhido a barbárie? Noutras palavras, a indagação era: como as pessoas podem escolher algo que vai contra suas próprias vidas?

Como analisou Reich (1987) em *Psicologia de Massas do Fascismo*, isto ocorre porque a situação econômica e a situação ideológica das massas não coincidem necessariamente. A relação entre a situação econômica e a consciência de classe não é algo mecânico, ou seja, a situação material não determina esquematicamente sua expressão ideal na consciência dos membros de uma classe social.

O fascismo como espectro da democracia, por sua vez, tem como desejo absoluto o poder, e um poder soberano e autoritário. Portanto, desejo por poder político para dominar e governar.

A política, como destaca Vladimir Safatle (2016), nunca foi uma questão de argumentação. Isto é um equívoco: que a política opera por argumentação racional. A política se trata de mobilização de afetos (Safatle, 2016). Como apontou Hannah Arendt (2009), se fosse pela razão, nazistas não teriam matado judeus. Se fosse pela razão não teria se criado campos de concentração.

Na política se decide com as tripas, com as vísceras. É uma questão de afeto. O voto, pensado pela psicanálise, é um ato inconsciente. Política é um circuito de afetos (Safatle, 2016), e não se argumenta contra afetos, argumento não vence afeto, se desconstitui afeto. No entanto, os afetos não são irracionais, eles têm uma racionalidade, mas não é a racionalidade da razão, afetos têm uma racionalidade própria, e devem ser compreendidos nessa especificidade.

A questão é saber que tipo de afeto move e cria formas de vida. Pois o embate é sobre formas de vida, e os fascistas na Alemanha e no Brasil eram conscientes disso. Por isso o discurso de Hitler e de Bolsonaro nunca foi para a razão, sempre foi para o inconsciente, o discurso dessas figuras sempre foi para mobilizar os afetos, em principal o ódio e o medo.

A Alemanha vivia, na década de 20, uma de suas piores crises, assim como o Brasil nos últimos anos. Estava assolada pela crise econômica mundial e devastada pelos desastres da primeira guerra mundial.

Situações de crise produzem desamparo (Safatle, 2016). E desde sempre, em todos os povos, se espera pela promessa messiânica de um salvador que virá salvar seu povo e sua nação.

Situações de crise e desamparo como esta são favoráveis a ascensão do fascismo. Pois o povo almeja por uma figura de mão forte e autoritária, e o rosto militar se presta bem a isso. Foi assim que os nazistas decidiram por Hitler ser o rosto da candidatura, assim como Bolsonaro.

Hitler não era a pedra angular do nazismo, não era ele quem pensava pelo nazismo, assim como Bolsonaro. Eles podem ser representados como fantoches. Um boneco de um grupo que está por trás. Hitler e Bolsonaro expressavam só o rosto de um projeto de tentativa de chegar ao poder, e que, no caso da Alemanha, os nazistas entenderam que era aquilo que o povo alemão estava pedindo: uma figura, com representação forte, imponente, militar, de autoridade. Que conduziria a Alemanha com punhos fortes e a levaria a se tornar uma grande nação. No Brasil, tal figura estava sendo demandada pelo povo desde as manifestações pró-impeachment – a solicitação de um governo militar teocrático, com pretensão de implementar um programa ultra neoliberal.

Hitler era um ex-militar, se apresentava como homem de bem e de caráter, e que iria limpar a Alemanha do desastre causado pelos comunistas, pelos judeus, gays e negros. Noutras palavras, o desprezo por grupos minoritários - que esta na base do fascismo. Afirmava que faria uma limpeza étnica jamais vista na Alemanha. A propaganda fascista mobilizava conflitos recalcados inconscientes que levavam os alemães a se sentirem ameaçados externamente pelas minorias étnicas, políticas e culturais (judeus, negros, comunistas, intelectuais radicais, etc.). O discurso fascista era (e ainda é) um apelo ao inconsciente por meio de técnicas capazes de promover tanto a idealização dos seus líderes como a suspeita paranóica sobre os outros grupos por parte dos destinatários.

Assim se culpabiliza esses grupos como se fossem os responsáveis pela crise econômica e política que vive o país. Há uma tendência, em situações de crise, de procurarmos um bode expiatório para depositar as nossas mazelas. Assim se cria um inimigo e nós somos as vítimas.



Fazem desses grupos os “inimigos da nação” e que devem ser varridos e exterminados. Eles conformam a ameaça, e, portanto, aqueles que estão com os fascistas serão os protegidos. Isso de imediato seduz o povo. E os alemães passaram a aderir a esse discurso de ódio aos grupos vulneráveis e se deu início a uma onda de violência contra tais grupos. Estes elementos estiveram presentes em toda campanha de Bolsonaro.

Mas esse desprezo e incitação de ódio e violência contra esses grupos, diziam os nazistas, não era pra ser levado muito a sério, afinal Hitler era carismático e cômico em seus discursos, assim como o atual presidente do Brasil.

Eis um dos elementos centrais do que caracteriza o fascismo: os rostos utilizados para representar o líder precisam parecer cômicos, uma mistura de militar com palhaço de circo carismático (foi assim com Hitler e com Bolsonaro). E com isso se estabelece um ponto de ironização absoluta (Safatle, 2008) em que se misturam ficção e realidade, e se cria uma confusão entre aquilo que é falso e aquilo que é real; se cria uma confusão entre aquilo que é notícia verdadeira ou notícia falsa (hoje chamadas fakenews); por consequência, se misturam ordem e desordem, se confundem a lei e a anomia, se instaura o caos.

Na candidatura de Hitler muito se perguntou: vocês acham que ele é capaz de governar um país? Mas para sua eleição não se tratava de sua incompetência ou não de governar. Os alemães que elegerem Hitler não estavam preocupados com isso. Desejavam, na verdade, autorização para o racismo, para a homofobia, para a misoginia e para a violência.

Eis outro elemento central do fascismo: o culto da violência, baseado numa falsa ideia de liberdade que se transforma na liberação e autorização da violência; há assim uma conjugação entre a ordem e a desordem; como escreveu Freud (2011), não são os povos que criam seus governos, são os governos que criam seus povos; com autorização do governo à violência, ela se instaura na vida cotidiana.

Hitler, assim como Bolsonaro, não tinham muitas propostas. Ele se dirigia ao povo sempre com as mesmas ideias. E dizia ser um defensor da família tradicional, e repetia constantemente a frase “Alemanha acima de tudo, Deus acima de todos”. Aqui se tem dois elementos: um político-econômico, do Estado-Nação, e um moral-cultural, dos valores da instituição familiar.

Embora o discurso de família tradicional esteja significado pela ideia de família ideal, a família dita tradicional é, na realidade, a instituição onde a mulher tem dupla jornada, trabalha fora e em casa; onde o se estabeleceu que o homem é superior a mulher; onde a mulher por tempos teve a mesma condição de um escravo; onde a mulher era objeto de posse do esposo, portanto, este tinha o direito de agredi-la e inclusive matá-la; esses são alguns retratos da família tradicional, onde ainda predomina a violência contra as mulheres e contra as crianças, onde milhares de mulheres são assassinadas todos os dias.

E o fascismo vem com essa ideia de ressurreição do Estado-Nação, na sua versão paranóica. Entretanto, não há regime econômico nacional num sistema capitalista global; isto vem como avesso do comum e sobrevalorização da propriedade privada, daquilo que me é próprio, da delimitação de fronteiras entre eu e outro, entre o meu e o do outro, esse outro que é inimigo.

A economia, no capitalismo, não é produzida por uma ordem política nacional. No sistema capital não existe um país independente de outros países; há uma interdependência de uma organização econômica que é mundial, que é global, não existe crise de um único país no capitalismo, a crise é sempre mundial e primeiramente econômica antes de ser política. E isto obriga a maioria das pessoas a depender de situações as quais são impotentes; para compensar esse sentimento de impotência, se busca amparo numa figura de poder e se abre mão da própria

autonomia; como mostrou o filósofo Adorno (2015) a primeira consequência dessa organização totalitária do mundo capitalista é o enfraquecimento do indivíduo frente as forças opressoras do todo. Com isso o indivíduo fraco e impotente procura compensar sua fraqueza se identificando com os opressores.

Nestas condições as pessoas não apenas não temem a manipulação, mas também e, de modo contraditório, desejam ser manipuladas, desde que seja pela liderança daqueles que supõem serem fortes e capazes de protegê-la. Como escreveu Freud (2011, p. 20) em *Psicologia de Massas e Análise do Eu* “As massas nunca tiveram sede da verdade. Elas querem ilusões e não vivem sem ilusões. Nelas o irreal tem primazia sobre o real, o que não é verdadeiro as influencia quase tão fortemente quanto o verdadeiro. As massas não fazem distinção entre os dois”. Como já apontamos se cria uma confusão entre o que é real e o que é falso; neste sentido, a grande adesão às fakenews em nosso tempo.

Nas massas, como analisou Freud (2011), esse líder (o soberano), se torna o ideal do ego, se torna o superego. Na massa fascista há o depósito do próprio superego ao superego da identificação autoritária, isto é, o superego do líder torna-se o superego da massa, uma vez que o superego é a introjeção dos controles que procedem da resolução do complexo de Édipo, e a autonomia do sujeito é descartada e entregue ao controle desse substituto do superego; é o líder autoritário quem passa controlar as massas. E Hitler e Bolsonaro se apresentavam como o lobo solitário a lutar pela nação, a lutar com os outros; lobo solitário é aquele que está sozinho, enfraquecido, sem recursos, sem ninguém, sem nada, o que produz uma identificação com as massas.

A identificação com o líder satisfaz dois desejos inconscientes: um deles é o próprio desejo de pulsão masoquista de submissão a autoridade; o outro é de acreditar que nessa submissão e identificação o sujeito também é autoridade, ou seja, se acredita que pela submissão a autoridade o sujeito também é autoridade; assim se tenta satisfazer a ambivalência das pulsões sadomasoquistas: se submete a um opressor cruel, mas o sujeito também acredita que ser esse opressor cruel. A submissão ao opressor cruel fascista é o desejo de ser esse opressor cruel fascista

Essas pulsões masoquistas e sádicas, inevitavelmente, operam de modo ambivalente; as masoquistas impelem à submissão a figura autoritária; as sádicas, por sua vez, são repelidas com veemência aos supostos inimigos, e operam com toda força a alcançar os objetivos do que ordena a autoridade.

A adesão das massas a Hitler e a Bolsonaro vem com uma mobilização inconsciente regressiva ligada a repressão sexual, desde a repressão sexual das relações de Complexo de Édipo e questões mal resolvidas na infância, em especial aos apelos pela ideia de família tradicional e repressão a sexualidade homoafetiva. Esses processos de repressão sexual, por sua vez, emergem enquanto inversão de conteúdo e podem ser satisfeitos pela ligação libidinal das massas; há uma libido sexual, que também é homossexual, que une todos os grupos; isto opera pelos processos de mecanismo de defesa do ego relacionados à formação reativa, de inversão de conteúdo das pulsões, em que se invertem os pólos do conteúdo manifesto e conteúdo latente; neste sentido, o conteúdo manifesto de rejeição a homossexualidade é na verdade um modo de expurgo a própria homossexualidade reprimida, não tão bem resolvida; e essa homossexualidade reprimida, mal resolvida, pode ser satisfeita no amor homossexual as figuras do mesmo sexo do meu grupo, assim como na figura do líder. No grupo todos se amam, destaca Freud (2011).

E os nazistas, assim como os fascistas no Brasil, se utilizavam todo tempo do sistema de repressão sexual, que se trata antes de tudo de repressão do desejo. Em contrapartida, oferecem sua via de escape: símbolos fálicos que encarnam o poder, como as armas. Numa sociedade onde o falo opera como símbolo do poder, esse falo, simbolizado pelas armas, ganha adesão espontânea. Há um desejo latente pelo falo. A cultura heteronormativa em especial deseja o falo, que emerge como formação reativa.

Hitler e Bolsonaro se apresentavam como os salvadores da pátria, que supririam todas as necessidades do povo e os salvariam da crise. Aparecem, portanto, amparados na promessa messiânica: aquele que é o salvador da pátria. Isto também mobiliza fantasias infantis. Em situações de desamparo e aflição, como em situações de crise, emergem, no inconsciente, fantasias infantis do amparo dos pais na infância, em que se podia depositar toda responsabilidade da vida nas mãos dessas figuras, e a criança não tem responsabilidade nenhuma sobre a própria vida; a criança depende inteiramente dos pais para sobreviver, os pais quem provêm tudo, assim como o amparo do Eu da criança está na figura dos pais; do mesmo modo se busca amparo na figura do líder e se renuncia ao próprio Eu que passa ser determinado por essa figura que se torna o ideal do Eu, como constituído nas relações de complexo de Édipo, que estabelece os laços do pacto social para a civilização. Assim a grande massa possui um desejo infantil por um Pai herói, como um tipo de mito divino – por isso o reconhecimento a Bolsonaro como o mito -, pois o divino (o Pai) toma conta de toda minha vida, resolve todos meus problemas, tira toda minha responsabilidade sobre minha própria vida, ele faz e resolve tudo. Torna-se difícil para uma massa de desejo infantil não se inebriar pela tentação de um Pai substituto.

E o pacto social de civilização é baseado no pacto edipiano, fundado no complexo de Édipo. O Édipo trata de relações de lugares e funções, em que nas relações entre pais e filhos há um quarto elemento, o falo, que representa a falta: o ser humano é o ser da falta; na horda primeva, analisada pelo Freud (1996) no livro *Totem e Tabu*, depois da horda devorar o pai – assim como o Édipo mata o pai sem saber -, esse símbolo do lugar do pai fica vago, e neste lugar vazio se constitui o lugar da Exceção, é nesta exceção que se criam as regras. Quando o símbolo do totem esta vago, ele abre-se para que se crie um lugar de Exceção que seja ocupado por um poder soberano que substitua esse Pai que estabelece as regras. Esse lugar vazio de Exceção é um lugar de poder ilimitado e sem lei, diz Agamben (2010). Aquele que o ocupa como poder soberano exerce poder acima da própria lei em que se estabeleceu o pacto social e isso culmina em algo próximo a perversão e produz algo pior do que se tinha, como o Nazismo, e como o atual fascismo no Brasil. Hitler, na Alemanha, passou a ocupar este lugar de Exceção, e exercia poder ilimitado e se determinou acima da lei. O atual presidente do país diz ser ele a própria lei.

E isto vem pela colonização do desejo anti-institucional, se abandona a representação na democracia e se transfere a imanência do poder do povo às mãos de um governo autoritário, que se coloca acima da lei, como soberano, e se estabelece um estado de exceção; com isso seus líderes se colocam acima da lei, demonstram seus desejos de violência, com uma falsa ideia de uma liberdade conquistada.

Quando o fascismo se instaurou na Alemanha, antes mesmo da vitória nazista nas eleições, tudo passou a girar em torno da candidatura de Hitler – no Brasil não foi diferente. Os encontros de família, as reuniões com amigos, tudo se tornou pretexto para falar sobre Hitler e o nazismo, e no Brasil sobre Bolsonaro. O fascismo passou a fazer parte da vida cotidiana, passou a conviver com as pessoas todos os dias, passou a sentar-se a mesa para almoçar. Os fascismos e as

ditaduras não se apresentam de antemão como forma de guerra. Eles têm antes a forma do sequestro. Não sabemos quando, onde ou porque, de repente algum grupo virou seu alvo. No transcorrer da vida cotidiana o fascismo sequestra vidas. E essas vidas são tidas como desprezíveis e matáveis como dirá Agamben (2010), são a manutenção do *homo sacer*. Por conta disso algumas pessoas na Alemanha não entendiam como uma sociedade tão esclarecida e intelectual como a Alemanha podia estar de acordo com a barbárie do discurso de Hitler. Soava absurdo comungar com sua barbárie, assim como soa absurdo a barbárie de Bolsonaro. Porém, ao contrário do que se imagina, as pessoas também pensavam e acreditavam no discurso desses líderes. Esses líderes apenas embarcaram no racismo ontológico que já existia nas pessoas, mas que estava recalcado. A adesão a essas formas de fascismo não se deu por que as pessoas foram enganadas, mas porque as pessoas também acreditavam naquilo. É uma questão de fé, e fé é um afeto, diz Agnes Heller (2008). O fascismo que se pretendia ao governo sabia que no fundo as pessoas eram racistas, discriminavam as mulheres, eram homofóbicas, eram anti-semistas. Eles só usaram do discurso para despertar isso que estava de certo modo recalcado, despertar o que estava adormecido. No fundo as pessoas também pensavam e acreditavam nas barbáries de Hitler e de Bolsonaro, por isso se identificaram com eles e fizeram deles seu grande Messias, seu grande mito, seu grande deus. Hitler e Bolsonaro não tinham propostas, falavam apenas em extermínio dos inimigos e foi isso que seduziu o povo.

Alguns alemães – e brasileiros – até tentaram mostrar a barbárie. Mas não se tratava disso. Porque as pessoas também acreditavam e pensavam como essas figuras. E, como apontamos, a política não opera por argumentos lógicos, mas por afeto. Há uma crença naquilo que eu penso, portanto, há um afeto naquilo que penso, e a fé, como vimos com Heller (2008), trata-se de um potente afeto, que pode conformar-se como preconceito nos termos do racismo ontológico no qual o discurso fascista embarca.

## Considerações Finais

---

A adesão ao fascismo, como já apontara Reich, advém da articulação entre as condições subjetivas, de ordem psíquica, e as condições objetivas, de ordem social. O social e o psíquico estão entrelaçados de modo peculiar nos processos de formação cultural e nos processos de adesão das produções discursivas.

No Brasil hoje nós já somos um país fascista. Somos dos últimos países a abolir a escravidão, dos últimos a implementar a república. Somos um país constituído por golpes, desde o golpe de Dom Pedro ao governo de seu pai, e os golpes no Brasil das repúblicas velha e da espada, o golpe de 37, o golpe de 64, o golpe de 2016. Vivemos a sombra de um passado de um país colonizado e coronelista e de uma ditadura que ainda não foram superadas.

O Brasil que por pouco acreditara que os escombros da violência de suas ditaduras estavam superados. Este mesmo que, ao proclamar-se República, acreditara que havia superado os desejos de um Brasil colônia e império. No século XXI, mesmo tendo por fundo uma esperança progressista, assiste os alvares de um Brasil que, se não adormecido, retorna com toda

veemência e toda sua força. Que braveja por violência, que clama por ditadura, que tem sede de sangue humano, que aplaude políticas de Brasil escravagista.

Como escrevera Freud (1980), as reminiscências recalcadas abrem o caminho para a repetição: "Repete-se sem naturalmente saber o que se está repetindo". Se, por um lado, como ouvira dos professores de história, é preciso recordar para não repetir os erros do passado, por outro, diria Lacan (1992), que a elaboração dos fantasmas deste passado deixou uma lacuna impreenchível na cadeia de significantes do universo simbólico ao estabelecer uma transferência na conceitualização com seu mestre.

Se por pouco este Brasil enxergou um horizonte próspero, o caleidoscópio que ele utilizou foi jogado às traças por um outro Brasil que – devido ao espírito colonial que ainda assombra nossos tempos – acredita que a Senzala deve agradecimentos e favores a Casa Grande.

Hoje com o ódio instaurado e a violência autorizada, o fascismo torna a assombrar como um espectro a nossa democracia. A barbárie do passado voltou a nos assombrar. O passado que não é redimido sempre retorna como um espectro.

Aqui retomo as palavras de Benjamin (1987, p. 223) que citei no início: "só a humanidade redimida cabe o passado em sua inteireza". Só um povo redimido da sombra da violência de seu passado pode caminhar para a libertação. A radicalidade do pensamento benjaminiano que refere à possibilidade de redenção oferece pistas para a interrupção de tradições que não caminham no sentido da emancipação, isto é, de levar o passado a se completar, de levá-lo a seu fim de uma vez por todas. Assim, a "força messiânica" que se espera deve emergir do povo, este é quem deve operar enquanto força política.

## Referências Bibliográficas

---

- Adorno, Theodor. (2015). *Ensaio de Psicologia Social e Psicanálise*. São Paulo, SP: Editora UNESP.
- Agamben, Giorgio. (2010). *Homo Sacer. O Poder Soberano e a Vida Nua I*. (2a ed). Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.
- Arendt, Hannah. (2009). *Origens do totalitarismo*. São Paulo, SP: Companhia das letras.
- Benjamin, Walter. (1987). "Sobre o Conceito de História". In *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (3a ed). São Paulo, SP: Brasiliense, 1987. Texto originalmente publicado em 1965.
- Deleuze, Giles. & Guattari, Félix. (1972). *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1976.
- Foucault, Michel. (1972). Introdução à vida não-fascista. In Giles Deleuze & Félix Guattari. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora.
- Freud, Sigmund. (1980). Recordar, repetir e elaborar. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, Sigmund. (1996). *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1913).
- Freud, Sigmund. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu. In *Obras completas*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).
- Heller, Agnes. (2008). *O cotidiano e a história*. (8a ed). São Paulo, SP: Paz e Terra.



- Lacan, Jacques. (1992). *Seminário 17 - o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Reich, Wilhelm Reich (1987). *Psicologia de Massas do Fascismo*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Safatle, Vladimir. (2008). *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Safatle, Vladimir. (2016). *O circuito dos afetos. Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

**Recebido em 07/04/2018.**  
**Revisado em 13/05/2018.**  
**Aceito em 03/06/2018.**